



Radiojornalismo local e hiperlocal na cobertura da pandemia da Covid-19 por emissoras comunitárias - análise de produções em ambiente de convergência midiática das rádios Bacanga/MA e Rocinha/RJ

Jefferson de Sousa Moraes¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O artigo tem como objetivo examinar as produções radiofônicas em ambiente de convergência midiática das rádios comunitárias Bacanga/MA e Rocinha/RJ na cobertura da pandemia da Covid-19, investigando o potencial e a prática do radiojornalismo local e hiperlocal. Para isso, explora as redes sociais e os canais digitais das emissoras em estudo no período de 1 a 7 de junho, semana em que o país completou 100 dias de pandemia. Como metodologia se utiliza da análise documental dessas produções para identificar processos convergentes e, ainda, sua relação com o radiojornalismo. A conclusão deste estudo sugere que a convergência midiática pode tornar-se propulsora do radiojornalismo local e hiperlocal e uma aliada dos cidadãos no combate ao novo Coronavírus nas comunidades.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Rádio Comunitária; Convergência Midiática; Covid-19; Brasil.

¹ Jefferson de Sousa Moraes - mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGJOR/UFSC. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) e do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM). Bolsista CAPES. E-mail: jeffjornal@gmail.com
Orientando da Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). E-mail: valzuculoto@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Brasil encara uma dura realidade frente à pandemia da Covid-19. O momento escancara a tamanha desigualdade social do país que precisa lidar ainda com caos político, econômico e social. Tudo ao mesmo tempo. No momento desta escrita passamos das 70 mil mortes confirmadas em solo brasileiro e estamos há mais de 60 dias sem ministro da saúde para enfrentar a maior pandemia do século. Enquanto o presidente Jair Bolsonaro segue compartilhando maus exemplos de combate à doença respiratória, a mídia faz a vanguarda da batalha e relembra diariamente a gravidade da situação para parte da sociedade que lota bares, praias e shoppings centers enquanto faltam leitos de UTI.

Essa condição prenunciou às rádios comunitárias em especial uma mudança rápida e estratégica para continuar informando aos moradores os desafios locais frente ao novo Coronavírus. A tecnologia emergente, neste período, se revela uma alternativa promissora para essas emissoras. De suas casas, em condições tecnológicas muitas vezes precárias, comunicadores e comunicadoras sociais pautam diariamente a região onde as rádios estão inseridas, utilizando de ferramentas digitais como sites e redes sociais para produzir e compartilhar conteúdos informativos. Esse movimento eleva o objetivo do estudo que é analisar as produções radiofônicas em ambiente de convergência midiática das rádios comunitárias Bacanga/MA e Rocinha/RJ na cobertura da pandemia da Covid-19, investigando o potencial e a prática do radiojornalismo local e hiperlocal.

A hipótese deste estudo é de que essas produções em ambiente de convergência midiática podem servir de aliadas dos cidadãos no combate à doença, visto a falta de compromisso com a vida por parte do Governo Federal via Ministério da Saúde, a cobertura escassa ou vaga da Covid-19 nas comunidades por parte da mídia de massa, além do histórico processo de extermínio de pretos e pobres que ocorre nesses lugares mesmo durante o surto da SARS-CoV-2. Outro aspecto que reforça a hipótese é a popularização das redes sociais e dos canais digitais, que aproxima ainda mais os ouvintes.

O corpus analisa as produções das rádios comunitárias em estudo no período de 1 a 7 de junho de 2020, semana que o Brasil completou 100 dias de pandemia desde o primeiro caso oficial da doença respiratória.

A pesquisa adotou como metodologia a análise documental das produções para compreender a convergência midiática e a afinidade das emissoras com o radiojornalismo. Como

parte dos procedimentos técnicos são exploradas as redes sociais e os canais digitais das rádios, na busca por identificar práticas do local e hiperlocal nos conteúdos.

A escolha das rádios se deu por conta das particularidades dos locais onde estão inseridas neste momento de pandemia. São Luís (MA), onde a Rádio Bacanga FM está instalada, foi a primeira capital brasileira a decretar *lockdown* por conta da doença. O bairro Anjo da Guarda por onde passam as ondas da Bacanga FM faz parte da área Itaqui-Bacanga², uma das regiões com maior número de habitantes da cidade. A Rocinha (RJ), onde está a antena da Rocinha FM, é a favela com maior número de habitantes no Brasil, com cerca de 100 mil pessoas morando na área. O estudo sobre o ambiente de convergência midiática em rádios comunitárias também faz parte da jornada acadêmica deste pesquisador, o que reforça o olhar nessas emissoras.

A pretensão do artigo é somar com as reflexões sobre a convergência midiática em rádios comunitárias e os resultados obtidos na amostra revelam como esse ambiente de convergência pode ser propulsor do radiojornalismo local e hiperlocal e um aliado no combate à doença respiratória nas comunidades.

Local e hiperlocal: uma essência radiofônica comunitária

O apreço pelo local e hiperlocal é, de fato, a essencial radiofônica das emissoras comunitárias brasileiras. Desde antes do início oficial nas ondas hertzianas, essas rádios se contrapõem ao movimento hegemônico da mídia de massa e buscam sintetizar suas produções em acontecimentos dos arredores. Os processos comunicacionais que ocorrem nas rádios comunitárias evidenciam uma premissa básica desse modelo de radiodifusão: servir aos interesses das comunidades onde suas antenas estão instaladas.

A produção permeada de aspectos radiojornalísticos aproxima ainda mais os moradores das emissoras e reforça o pensamento de Chantler e Harris (1998, p. 21) ao demonstrar que “a força do jornalismo numa emissora de rádio local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local”. Essa proximidade também valoriza o sentimento de comunidade, pois os moradores detêm da certeza de que podem contar com este meio de comuni-

² A área Itaqui-Bacanga conta com uma população de aproximadamente 250 mil habitantes e a região compreende 40 bairros de São Luís.



cação para reivindicar melhorias, promover assuntos políticos, educacionais ou culturais entre outras pautas.

García (2008) corrobora com a ideia de proximidade no jornalismo e a conexão que a produção local tem com a sociedade:

Ao longo da história do jornalismo, o fator de proximidade geográfica tem configurado como um eixo como uma espinha dorsal dos conteúdos. Não há dúvida que a proximidade é um fator chave para que muitos meios de comunicação exerçam um papel de conexão entre as pessoas e a sociedade em que vivem. (García, 2008: 9, tradução nossa)

Mesmo com o avanço e a popularização da internet comercial, os desdobramentos da convergência midiática Jenkins (2009), os processos emergentes resultantes das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e a tendência do global cada vez mais presente no jornalismo, a mídia nasce de aspectos locais (PERUZZO, 2005, p. 69). O termo local pode ser definido de diversas formas, mas para esta pesquisa é interpretado como Cecília Peruzzo (2003) caracteriza:

O local se caracteriza como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar, que lhe diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes (PERUZZO, 2003, p. 4).

A Aldeia Global (McLUHAN, 1972) também influencia a forma de produzir e compartilhar conteúdo radiojornalístico na mídia de massa, mas nas emissoras comunitárias, apesar do global ter seu espaço, a maior parte da programação continua local até por questões técnicas e legais – a antena, por exemplo, alcança apenas 1km. A programação tem que estimular ações locais, como versa o art.4 da Lei nº 9.612/98. O ambiente convergente, claro, as permite migrar para outros espaços e ampliar suas vozes, mas ainda assim a essência do local é supervalorizada nas emissoras comunitárias.

Peruzzo (2010) sublinha que as rádios comunitárias são espaços propícios para o fornecimento de informações e de discussões dos assuntos de interesse local, além de difundir a produção cultural dos grupos onde estão inseridas e em seus entornos (PERUZZO, 2010). Beltrão (2013) também exprime a ideia de local ao falar de jornais do interior, que segundo o autor é todo aquele que foge das capitais, ou seja, que estão em pequenas cidades, distante das grandes metrópoles. Beltrão relata que o jornalismo de interior é capaz de promover os assun-

tos que são escassos da mídia de massa e reforça aspectos como cidadania, cultura e educação, que são pilares das rádios comunitárias.

Nas emissoras Bacanga/MA e Rocinha/RJ os assuntos culturais dominam grande parte da programação e a promoção de grupos é destaque em suas rotinas. A Bacanga FM, por exemplo, dedica 12 das suas 17 horas de programação diária para ações que envolvam a cultura local e nacional. Das 24 horas nas ondas sonoras, a Rocinha FM concede 20 horas às ações culturais. O tempo restante da programação é aproveitado nessas comunitárias com conteúdos que explorem outras pautas, como prestação de serviço.

Por jornalismo hiperlocal exprimimos a ideia do *The Local*, uma produção do *The New York Times* em parceria com a *City University of New York (CUNY)* que teve como objetivo concentrar o jornalismo nas microrregiões, nesse caso reunindo três comunidades de *New Jersey* e duas do *Brooklyn*. A iniciativa possibilitou ao jornal explorar pautas e temas não contemplados pelo modelo tradicional de cobertura que não considera as “realidades específicas” e as “necessidades de indivíduos situados em territórios circunscritos” (ZAGO, 2009).

Em linhas gerais, o jornalismo hiperlocal pode ser definido como uma modalidade de cobertura e produção jornalísticas de conteúdos sobre uma comunidade específica contando com a colaboração dos moradores. Esta modalidade permite, ainda, a experimentação de recursos digitais que conciliam textos, produção audiovisual (vídeos, podcast) fotografias, infográficos, mapas em um gerenciador de conteúdo de fácil acesso e manuseio, como o blog, como é feito pelo *The Local*.

Ao falarmos de radiojornalismo hiperlocal refletimos a iniciativa de Magaly Prado (2012) ao realizar uma experiência com jornalismo hiperlocal, na Avenida paulista, no formato de walk rádio hiperlocal, com alunos da graduação em jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. A pesquisadora detalha que o radiojornalismo hiperlocal se trata de uma “cobertura de uma região geográfica específica, tendo os jornalistas a colaboração dos moradores e/ou frequentadores” (PRADO, 2012). Ainda de acordo com Prado, essa experiência do hiperlocal tende a “ir saciando curiosidades, quarteirão por quarteirão, sobre os prédios mais altos ou descobrir o que mais se vende nas bancas e lojas de uma das avenidas mais movimentadas da cidade” (PRADO, 2012).

No caso das emissoras Bacanga/MA e Rocinha/RJ é possível observar o apreço pelo hiperlocal. Mesmo quando o foco é a pandemia os comunicadores, além de ressaltarem aspectos hiperlocais da doença, como números da doença nos bairros, destacam ainda em suas pro-

duções apelidos das pessoas, nomes de bairros, ruas e comércios e dão espaço para gírias e frases feitas que fazem parte do imaginário daquele lugar. Essas afeições são presentes em quase toda produção das emissoras estudadas tanto nas ondas hertzianas, como nas ondas digitais.

Somada às essas discussões outros fatores acabam por exigir das emissoras comunitárias ainda mais atenção aos assuntos locais e hiperlocais, como a formação em rede das emissoras comerciais e os desertos de notícia, que segundo o Atlas da Notícia 2019 chega a 62,6% dos municípios brasileiros. Essa carência abre diversas oportunidades, incluindo econômicas, para as rádios comunitárias.

Antes de prosseguir é importante destacar que os termos radiojornalismo local e radiojornalismo hiperlocal nesta pesquisa buscam num primeiro momento apenas orientar o debate proposto nas páginas. Outrora, pode ser provocado um embate epistemológico sobre conceitos do radiojornalismo, já que os termos aqui propostos carecem de uma maior reflexão acadêmica.

Produções radiojornalísticas em ambiente de convergência midiática: análise das emissoras comunitárias Bacanga (MA) e Rocinha (RJ) durante a pandemia da Covid-19

A convergência midiática, como descreve Jenkins (2009), é a forma como a mídia se posiciona no mundo digital. Para o autor, as mídias passaram a coexistir na nuvem, seus conteúdos se hibridizaram em emaranhados tecnológicos, chegando ao ponto de correr riscos em busca de novos “cases de sucesso”. A cada dia que passa o consumo de informação fica mais rápido e as mídias buscam a todo custo se adaptar a esse célere e duvidoso momento.

O debate sobre convergência no radiojornalismo caminha por diversas vertentes. Como Ferrareto (2012) descreve, o rádio intensificou seu processo de convergência ainda na década de 90 quando o uso do telefone celular se tornou cotidiano nos processos de produção de conteúdos. A partir da inserção desta e de outras tecnologias emergentes na redação o rádio passou a ser mais ágil e espontâneo, reforçando características que são particulares do meio. Porém, essas transformações não atingiram a cultura organizacional das empresas, gerando profissionais multitarefados, sobrecarregados e desvalorizados.

Marcelo Kischinhevsky (2007) apresenta como o rádio se expandiu e agora pode ser encontrado em diversas plataformas e em outros formatos, como *podcast*. Debora Lopez

(2010) explica que o radiojornalismo também pode ser hipermediático, em formato *all news*. Outra questão é o sinal digital do rádio, que pode dar uma nova roupagem à produção de conteúdo radiofônico aqui no Brasil.

A convergência midiática afluou a características mais singular do meio radiofônico: a instantaneidade. Antes da migração digital, o rádio era o único meio capaz de chegar de forma instantânea, levando informação em tempo real aos lares. Essa modalidade só ganhou força no ambiente de convergência e deixou o rádio ainda mais atraente, confirmando seu lugar como mídia de massa.

Frente às essas novas práticas, Nelia Del Bianco (2010) exprime: “Diante das novas mídias, as tradicionais normalmente não morrem, ao contrário, adaptam-se e continuam evoluindo”. (DEL BIANCO, 2010, p. 2). Portanto, o rádio continua se expandindo, sem perder suas características, aproveitando do momento convergente para demonstrar sua força de adaptação.

Contudo, nesse mundo convergente do rádio muitos aspectos precisam ser levados em consideração, já que esse é um processo em desenvolvimento e permeado de incertezas. Nas rádios comunitárias esse debate é ainda mais profundo, pois essas emissoras não detêm das mesmas oportunidades que as demais para se desenvolver neste ambiente. Barreiras técnicas, tecnológicas e econômicas são os principais fatores de exclusão. Apesar disso, várias emissoras comunitárias brasileiras mostram que é possível oferecer conteúdo de qualidade, mesmo em condições precárias. É o caso das comunitárias Bacanga (MA) e Rocinha (RJ). Como Cebrian-Herreros descreve:

A tecnologia é importante não como mero suporte de produção, registro, distribuição ou recepção, mas porque introduz outras variáveis comunicativas, promove outros conteúdos e emprega outras linguagens de acordo com o grupo de usuários, com seus territórios e com cada período. Muda a tecnologia, renova-se a sociedade, modificam-se os gostos, mas prevalece a comunicação mediada pela inovação tecnológica entre os membros da sociedade. (Cebrian-Herreros, 2011, p72).

Rádio Bacanga FM – “A 1ª comunitária de São Luís”

A Rádio Comunitária Bacanga FM é uma emissora comunitária instalada no bairro Anjo da Guarda, em São Luís, no Maranhão. O bairro é um dos mais populosos da ilha e faz parte da área Itaqui-Bacanga, que reúne 40 bairros da capital maranhense. A emissora opera

nas ondas da 106,3 MHz com início da programação às 5h e término às 22h. Entre os programas da grade oficial da emissora, que pautam informações referentes ao Covid-19, estão o Bacanga Informativo, que vai ao ar diariamente das 8h às 10h; o Bacanga Resistência, que vai ao ar todo sábado das 18h às 20h; e o Bacanga Itinerante, que vai ao ar aos domingos das 9h às 12h.

Durante o período estudado, a programação da Bacanga FM em ambiente de convergência midiática reproduziu recorrentes vezes um jingle produzido pela Associação Brasileira de Rádio Comunitárias (Abraço/MA) sobre ações de prevenção contra a doença respiratória. A própria emissora também produziu um jingle sobre a importância de se cuidar contra o novo Coronavírus, com uma paródia da música O Radinho, de Cesar Nascimento, uma ‘pedra’ muito conhecida em São Luís. Outras instituições, como sindicatos, também divulgam jingles com informações preventivas da doença durante o intervalo da programação. O jingle por ser uma peça curta poderia ter sido potencializado nos canais digitais e nas redes sociais da Bacanga, como forma de interagir ainda mais com o ouvinte e disseminar a informação sobre os cuidados com o novo Coronavírus.

A Bacanga FM possui perfil³ e *fanpage*⁴ no *Facebook*, conta no *Twitter*⁵, *Instagram*⁶ e *YouTube*⁷, número de *whatsapp*, um site próprio⁸ e a rádio ainda pode ser acompanhada ao vivo pelo site rádios.com⁹. Apesar da presença massiva nas redes sociais, a Bacanga FM não utilizou as potencialidades disponíveis dessas ferramentas digitais durante o período estudado como forma de fomentar as ações locais e hiperlocais. A maioria dos programas possui perfis sociais no *Facebook*, mas com pouca frequência aparecem lincados na *timeline* da emissora. A linkagem desses perfis pode agregar mais ouvintes e ampliar a penetração das produções.

No período analisado, a rádio fez 10 publicações no *Facebook*, nenhuma no *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*. O site da rádio está fora do ar. A rádio só pode ser acompanhada ao vivo pelo rádios.com. No dia 4 de junho, quando o país completava 100 dias de pandemia, a programação contou com informações em sua grade oficial, mas nas redes sociais e nos canais digitais da emissora a única ação foi o compartilhamento do programa Disco Reggae, que teve

³ <https://www.facebook.com/radiobacangafm/>

⁴ <https://www.facebook.com/pages/Radio%20Bacanga%20Fm/737365239651866/>

⁵ <https://twitter.com/radiobacangafm>

⁶ <https://www.instagram.com/comunitaria106.3/?igshid=41vywn8knaqh>

⁷ <https://www.youtube.com/user/radiobacanga>

⁸ www.radiobacangafm.com.br

⁹ <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-comunitaria-bacanga-1063-fm/12155>

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

.....

uma hora de duração, sem falar da doença. O assunto aparecia em forma de jingle, em horário de intervalo entre os blocos do programa.

O programa “Bacanga é Resistência” é o único da grade oficial a produzir *live*, na plataforma *Instagram*, com informações locais e hiperlocais sobre o Covid-19. Após o período analisado, o “Bacanga é Resistência” criou o quadro “Plantão Covid-19”, onde compartilham números locais, hiperlocais da doença e como os governos municipal, estadual e federal vem tratando o momento de pandemia no Estado. O “Plantão Covid-19” ocorre dentro da casa do apresentador, no formato *talk show*, onde entrevista especialistas para falar sobre a doença e as particularidades da área Itaqui-Bacanga. Os moradores interagem e podem fazer perguntas durante a *live*. Todo conteúdo é compartilhado na página do programa no *Facebook* e ainda na *fanpage* da Rádio Bacanga.



Figura 1 perfil do *Facebook* do programa Bacanga é Resistência

Para aproveitar melhor o ambiente de convergência midiática e potencializar ainda mais as práticas do radiojornalismo local e hiperlocal, a Bacanga FM poderia explorar melhor as ferramentas dos canais digitais e das redes sociais, como marcar localização nas plataformas sociais, descrever melhor o ambiente onde estão acontecendo as ações em suas publicações, fazendo desse movimento um sintonizador do ouvinte-internauta. Ações locais de combate à doença e até mesmo a atualização de números, coisas que são feitas nos programas do dial, não são replicadas no ambiente convergente. As plataformas digitais da emissora poderi-

am ainda auxiliar no maior destaque da doença respiratória. Os comentários nessas plataformas por vezes são esquecidos, deixando os ouvintes sem respostas.

A sincronização da programação dial com a digital seria uma forma de ampliar ainda mais a voz da Bacanga FM, visto que os moradores comparecem nas redes sociais, porém a emissora tem pouca constância de conteúdos. Quando explorados, esses recursos se mostram apenas extensores do que é feito fisicamente, muitas vezes de forma grosseira e sem edição. Somente no *Facebook*, a Bacanga FM tem 1.379 seguidores. Esse engajamento pode ser melhor explorado com a aplicação de conteúdos frequentes e sincronização com a programação ao vivo.

O site da rádio está fora do ar, o que diminuiu sua presença no ambiente de convergência midiática. Esse espaço pode ser utilizado para compartilhar conteúdos originais da Bacanga FM e lincar com as outras ações da Bacanga FM. O site pode servir ainda para auxiliar a organizar a memória da rádio, explorar novos formatos como a notícia e permite também espaço para inserção de novos formatos hipermidiáticos, como o podcast e QR Code.

Para deixar registrado uma memória da Bacanga FM em ambiente de convergência midiática, no dia 6 de junho durante a *live* do programa “Chucalhada”, um dos moradores mandou um áudio via *whatsapp* falando que só ia parar de escutar a Bacanga FM quando morrer, “e mesmo assim se tiver internet eu escuto a Bacanga de onde tiver”, disse em tom de alegria.

Rocinha FM – “O som que desce o morro”

A rádio comunitária Rocinha FM está instalada na Rocinha, bairro da zona Sul do Rio de Janeiro, considerada a maior favela urbana do Brasil, com aproximadamente 100 mil habitantes. Desde 2011 a emissora opera nas ondas da 107,3 MHz e sua programação oficial tem 24h de duração. A emissora faz parte do projeto Mídia Rocinha que inclui ainda revista, jornal e portal de notícia sobre a comunidade.

A Rocinha FM tem *fanpage* no *Facebook*¹⁰, conta no *Twitter*¹¹, *Instagram*¹², *YouTube*¹³, *Soundcloud*¹⁴, número de *WhatsApp* e a rádio ainda pode ser acompanhada pelo site¹⁵.

¹⁰ <https://www.facebook.com/radiorocinhaRJ>

¹¹ <https://twitter.com/radiorocinha>

¹² <https://www.instagram.com/radiorocinha/>

Na grade de programação oficial apenas o programa Leo Lima, que passa de segunda a sexta, das 7h às 8h, fala sobre o novo Coronavírus, mas de forma nacional. Porém, durante toda a programação são reproduzidos jingles e boletins informativos falando do combate à doença, como por exemplo o “Boletim Notícia Gospel em 1 minuto” que fala das ações da igreja evangélica no combate à SARS-CoV-2 na comunidade. A própria rádio desenvolve ações na comunidade e utilizam do espaço para compartilhar.

Durante o período estudo, a Rocinha FM não realizou nenhuma ação nas suas redes sociais e canais digitais. Porém, a rádio pôde ser acompanhada pelo site da emissora. O site tem espaço para notícias, mas há apenas uma publicação sobre as regras da ONG Rocinha datada de 2019. Abaixo da notícia há espaço para comentários onde 22 pessoas se manifestaram. A presença desses comentários evidencia que se caso essa prática fosse recorrente os moradores teriam maior participação nos assuntos da emissora. O site conta ainda com acesso fácil às diversas plataformas onde a Rocinha FM possui perfil, manifestando a maleabilidade da convergência midiática.

O *SoundCloud* é outra plataforma que permite à Rocinha FM ampliar o aspecto da sua programação, caso a emissora possuísse uma melhor desenvoltura. No espaço, a Rocinha FM compartilha áudios que fazem parte da sua história, mas sem compromisso com a legenda que descreveria melhor o conteúdo apresentado e quem os apresenta. Inclusive, consta no site uma única publicação do quadro “Repórter Rocinha”, que não faz parte da programação oficial, mas é um boletim informativo de 2 minutos sobre assuntos específicos da comunidade. A última atualização no perfil do *SoundCloud* da emissora ocorreu há dois meses.

O perfil do *Facebook* da RocinhaFM possui 8.279 seguidores cintila que as redes sociais da emissora é uma oportunidade para estreitar ainda mais os laços com a comunidade. Neste momento de pandemia, em especial, a utilização recorrente de plataformas como essas dão oportunidades para o ouvinte saber sobre o assunto na sua região.

Apesar da Rocinha FM não ter utilizado as plataformas no período de estudo, posteriormente foi criado o quadro “De médico a paciente: como enfrentar a Covid-19” que convidou um especialista para falar dos métodos de profilaxia e combate ao novo Coronavírus e as particularidades da Rocinha neste momento.

¹³ <https://www.youtube.com/c/RadioRocinha/featured>

¹⁴ <https://soundcloud.com/radiorocinha>

¹⁵ <https://radiorocinha.org/>

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

.....

Todas as redes poderiam compartilhar conteúdos informativos de forma sincronizada, focando no impacto da doença na comunidade. Essas ferramentas só foram utilizadas posterior 100 dias de pandemia, mesmo assim de forma tímida.



Figura 2 *Fanpage do Facebook da Rocinha FM*

Conclusões

Por meio do exposto é possível refletir que no período estudado as rádios comunitárias Bacanga (MA) e Rocinha (RJ), mesmo tendo presença massiva nas redes sociais e canais digitais, não exploraram com maestria as diversas potencialidades proporcionadas pelo ambiente de convergência midiática.

As emissoras produzem quadros exclusivos para falar sobre a doença nas comunidades com o objetivo de auxiliar os moradores no combate local ao novo Coronavírus. Sendo assim, a hipótese deste artigo se comprova, ao destacar como o ambiente de convergência midiática pode ser propulsora do radiojornalismo local e hiperlocal nas rádios comunitárias e um aliado dos moradores na luta contra a doença.

As ferramentas disponíveis nas redes sociais e canais digitais podem ser melhores manuseadas para afunilar o local e hiperlocal e melhorar a experiência do ouvinte-internauta. Demarcar *hashtags* nas redes sociais, por exemplo, poderia melhorar a performance hiperlocal dessas emissoras. No entanto, o *whatsapp* serve de referência local e hiperlocal, já que durante a programação moradores mandam áudio perguntando sobre a doença e como se prevenir. Nesses áudios eles se identificam e falam o nome da rua, o que delimita o raio da informação.

As notícias que compõem as produções em ambiente de convergência midiática das emissoras comunitárias Bacanga/MA e Rocinha/RJ seguem a compreensão exposta por Zuculoto (2012, p. 18) ao descrever a notícia no rádio “como aquela estrutura que veicula a informação de forma breve, sucinta, objetiva, com simplicidade na elaboração do texto”. No entanto, a ausência de jornalistas profissionais é uma carência nessas emissoras comunitárias. Mesmo essas emissoras compartilhando conteúdos informativos de qualidade, a presença de jornalistas poderia auxiliar no desenvolvimento do radiojornalismo e potencializar o conteúdo compartilhado em ambiente de convergência midiática.

Entretanto, em tempos de negacionismo onde a ciência e o pensamento crítico são atacados por unidades conservadoras diariamente, as rádios comunitárias servem de escudo para essas comunidades, levando informações de qualidade sobre o enfrentamento da pandemia. Neste momento em especial, o radiojornalismo se mostra mais uma vez parceiro do cidadão.

Referências

Atlas da notícia. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/30-dos-municipios-brasileiros-correm-o-risco-de- virar-desertos-de-noticias/>. Acesso em: 15 jul.2020.

BELTRÃO, L. **O jornalismo interiorano a serviço da comunidade.** In: ASSIS, F. (Org.). Imprensa do interior: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013

BONIXE, Luís. **Internet e participação** - o renascimento da rádio local como espaço de debate público. In.: Jornalismo de Proximidade: limites, desafios e oportunidades. CORREIA, João Carlos (Org.). Covilha: Labcom Books, p. 17-29, 2012.

BRINCA, Pedro. **Jornalismo de proximidade e participação.** Por uma dieta equilibrada de informação, contra a fast-information. In.: Jornalismo de Proximidade: limites, desafios e oportunidades. CORREIA, João Carlos (Org.). Covilha: Labcom Books, p. 31-35, 2012

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Información radiofónica:** mediación técnica, tratamiento e programación . 2. ed. Madri, Síntesis, 2001.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A voz da aldeia** – o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. Florianópolis: Insular, 2007.

DEL BIANCO, Nelia (org.). **O rádio brasileiro na era da convergência**. São Paulo: Intercom, 2012.
GARCÍA, X. L. Ciberperiodismo en la proximidad. Sevilha, Salamanca, Zamora, ES: Comunicación Social, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução Suassuna Alexandria. 2ª Ed. São Paulo: Aleph 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda**: convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: e-Papers, 2007.

_____, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo e convergência tecnológica**: uma proposta de classificação. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba, PR. Anais eletrônicos. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1083-1.pdf>> Acesso em: 1 jun. 2020.

_____, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Corvilhã: UBI, LabCom Books 2010.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. (trad. Anísio Teixeira e Leônidas Gontijo de Carvalho). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Mídia Regional e Local**: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo, SP, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem. 2005.

_____, Cicília M. **MÍDIA LOCAL E SUAS INTERFACES COM A MÍDIA COMUNITÁRIA**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99061099541813324499037281994858501101.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____, Cicília. **Rádios Comunitárias no Brasil**: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM. In: Anais do XIX Encontro Anual da COMPOS, Rio de Janeiro. Maio 2010.

PRADO, M. **Jornalismo Hiperlocal**. p. 87–111, 2012

ZAGO, Gabriela da Silva. **Informações Hiperlocais no Twitter**: Produção Colaborativa e Mobilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. Anais...São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2122-1.pdf>. Acesso em 2 jul.2020.

ZUCULOTO, V. R. M. **No ar** - a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.